

A RELEVÂNCIA DO PIBID NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Lisia Costa Gonçalves de Araújo ¹

Vanderlea Meller ²

Maicon Maurino da Costa ³

Margareth Porath da Costa ⁴

Ernan Fonseca ⁵

RESUMO

O processo de ensino e aprendizagem na Educação Física escolar assume papel fundamental na formação integral dos estudantes, sobretudo quando compreendidos para além de uma perspectiva tecnicista e biologicista. Inserida no contexto da educação básica, a Educação Física contribui para o desenvolvimento dos sujeitos por meio da vivência, reflexão e compreensão crítica das práticas corporais, entendidas como manifestações da cultura corporal de movimento. Nesse contexto, programas de formação docente, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), fortalece a teoria e a prática, qualificando os processos pedagógicos e a formação inicial de professores. A presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem na Educação Física, a importância da mediação pedagógica, e da valorização dos conhecimentos prévios e experiências corporais dos estudantes. O ensino é compreendido como uma prática intencional e planejada, onde o professor atua como mediador do conhecimento, criando situações pedagógicas que façam os alunos serem ativos. A aprendizagem, por sua vez, ocorre de forma dinâmica e significativa, construída a partir da interação entre sujeitos, conteúdos e contexto sociocultural — aspecto amplamente vivenciado e problematizado no PIBID. Ressalta-se a relevância de metodologias críticas e participativas, contribuindo para a superação de práticas reprodutivistas que buscam fortalecer a autonomia, cooperação e pensamento crítico. Linguagens como jogos, danças, lutas, ginásticas e esportes, quando contextualizadas e problematizadas, ampliam a compreensão dos estudantes sobre significados sociais, históricos e culturais das práticas corporais, aspecto bem incentivado no âmbito do PIBID. Por fim, os processos de ensino e aprendizagem na Educação Física devem promover a inclusão, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade corporal, cultural e de gênero, possibilitando que todos os estudantes se reconheçam como sujeitos ativos. A Educação Física escolar fortalecida por iniciativas como o PIBID, consolida-se como um espaço de aprendizagens significativas, formação cidadã e desenvolvimento de sujeitos críticos e reflexivos.

Palavras-chave: Educação Física escolar, Ensino e aprendizagem, Formação docente, Práticas corporais. Cultura corporal de movimento.

1 Professora orientadora: Lisia Costa Gonçalves de Araújo, Doutora em Educação Física - UFSC, laraujo@univali.br

2 Professora coordenadora: Vanderlea Meller, Doutora em Educação – UNIVALI, vanderlea@univali.br

3 Maicon Maurino da Costa, Graduando pelo Curso de Educação Física da Universidade do Vale do Itajaí - SC, 82maicon@gmail.com

4 Professora Supervisora: Margareth Porath da Costa, Graduada pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal - UFSC, margarethporath@hotmail.com;

5. Ernan Fonseca, Graduando do Curso de Educação Física da Universidade do Vale do Itajaí - SC, ernanbr10@gmail.com



INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar tem passado por importantes transformações ao longo dos anos, superando concepções reducionistas centradas exclusivamente no desempenho físico e biológico. Atualmente, compreende-se essa área como componente curricular responsável por promover o acesso dos estudantes à cultura corporal de movimento, possibilitando não apenas o desenvolvimento motor, mas também a formação crítica e cidadã. A Educação Física escolar no ensino fundamental possui papel relevante na formação integral dos estudantes, pois contribui para o desenvolvimento motor, cognitivo, social e crítico, articulando conteúdos da cultura corporal de movimento e promovendo experiências pedagógicas significativas, conforme defendem autores como o Coletivo de Autores (1992), Valter Bracht (1999) e Elenor Kunz (1994).

As estratégias pedagógicas adequadas as metodologias críticas proporcionam uma coerência no cenário da relação pedagógica encarando as práticas corporais como Linguagens. “A Educação Física escolar trata pedagogicamente dos temas da cultura corporal.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 39). Esse trecho do livro “Metodologia do ensino de educação física” (1992), traz à tona um fator importante que é muito esquecido e que deve ser sempre retomado e reforçado: a educação física escolar vai além do esporte. Na escola, e no PIBID, a realização de diferentes atividades envolvendo jogos, lutas, ginásticas, brincadeiras, e danças, deve ser tão, ou até mais frequente que a prática corporal de esportes, no que diz respeito à cultura corporal de movimento.

Nesse contexto, os processos de ensino e aprendizagem assumem centralidade, exigindo práticas pedagógicas que valorizem a participação ativa dos alunos, seus conhecimentos prévios e suas vivências corporais. O professor deixa de ser mero transmissor de conteúdos e passa a atuar como mediador do conhecimento, criando situações que favoreçam a construção significativa da aprendizagem.

É nesse cenário que se insere o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o qual contribui significativamente para a formação inicial de professores ao proporcionar a inserção dos licenciandos no cotidiano escolar. Essa experiência permite a articulação entre teoria e prática, ampliando a compreensão sobre os desafios e possibilidades da docência.



Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem na Educação Física escolar, destacando a relevância do PIBID na construção de práticas pedagógicas críticas e significativas, demonstrando a importância dos relatos de experiências.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa de base sociológica desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na área de Educação Física. As atividades foram realizadas em uma escola da educação básica da rede municipal da cidade de Biguaçu, envolvendo turmas do ensino fundamental. As intervenções pedagógicas foram planejadas coletivamente, com auxílio da professora vigente do colégio, considerando os conteúdos da cultura corporal de movimento e as especificidades dos alunos. Durante as ações, foram desenvolvidas atividades envolvendo jogos, esportes e outras práticas corporais, sempre com enfoque crítico e participativo. A observação das aulas, a interação com os alunos e as reflexões sobre a prática constituíram os principais instrumentos de análise

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Física escolar, na perspectiva crítica, compreende as práticas corporais como produções culturais historicamente construídas. De acordo com essa abordagem, conteúdos como jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas devem ser trabalhados para além da execução técnica, considerando seus significados sociais, culturais e históricos, pois de acordo com Bracht, visões na educação física escolar que não preconizam uma evolução e superação de uma visão reducionista, não estão dispostas a [...]” se vincularem a uma teoria crítica da educação[...].” (BRACHT, 1999, p. 79).

Na base das concepções críticas de base fenomenológicas Kunz (1994), defende que a prática pedagógica em Educação Física deve superar a mera execução técnica e favorecer autonomia, diálogo e emancipação dos estudantes. Os tornando mais críticos para com sua realidade. Esta última, deve estar presente nas aulas de educação física, pois a educação não deve deixar de experimentar a realidade do aluno, mostrando para o mesmo que existe uma forte ligação com suas experiências, relatos, emoções, medos e sentimentos.



Nesse sentido, o ensino deve ser entendido como uma prática intencional, planejada e fundamentada, na qual o professor organiza situações pedagógicas que promovam a participação ativa dos estudantes. A aprendizagem, por sua vez, ocorre de forma dinâmica e relacional, sendo construída a partir da interação entre sujeitos, conteúdos e contexto.

Além disso, a adoção de metodologias críticas e participativas é fundamental para superar práticas pedagógicas tradicionais e reprodutivistas. Tais metodologias incentivam a autonomia dos alunos, o trabalho coletivo e o desenvolvimento do pensamento crítico, contribuindo para uma educação mais democrática e inclusiva, tendo assim uma real valorização da diversidade no ambiente escolar. A Educação Física deve promover o respeito às diferenças corporais, culturais e de gênero, garantindo a participação de todos os estudantes nas atividades propostas.

Para Kunz (1991), deve-se criticar o ensino tradicional caso nele haja uma abordagem mecanicista de movimento encarando o corpo como uma máquina perfeita, valorizar as propostas das pedagogias críticas encarando este Corpo como relacional, o Corpo em movimento, refutando as propostas que tenha enfoque em priorização de desempenho (no que diz respeito principalmente ao esporte na escola), na exclusão de alunos e que ignore dimensões como existenciais, sociais e culturais do movimento. Esses fatores são os que menos a educação física escolar necessita. Deve-se desenvolver nos alunos a capacidade de analisar, pensar, compreender e agir criticamente, trazendo assim, autonomia, reflexão e também uma transformação social através do ensino da Educação Física. Como ressalta Valter Bracht (1992); a educação física escolar precisa, e urgentemente, legitimar-se pedagogicamente como componente curricular que trata da cultura corporal de movimento. Não apenas esportes, não apenas danças, jogos ou brincadeiras e lutas. Mas essas práticas corporais de movimento como fenômenos culturais, sociais e históricos que são. O corpo é um fenômeno cultural, é o corpo que nos apresenta no mundo e nos faz existir como sujeito no mundo. As práticas corporais como linguagem tem uma densidade existencial. A Educação Física dentro do PIBID se mostra e deve ser uma prática que percorre por esse caminho, buscando a efetivação de uma educação física escolar na educação básica que se propõe em atingir o nível que Bracht escreveu, deixando explícito e natural o que a educação física escolar nasceu para ser: plena, cultural, social e histórica.

Ainda, de acordo com Kunz (1991), no ensino fundamental, área de estudo e experiência do PIBID aqui relatado, devemos tratar pedagogicamente temas da cultura corporal, devendo adaptar os temas, conteúdos e atividades para estarem de acordo com o desenvolvimento infantil, e não apenas reproduzir uma lógica competitiva ou biologicista. É importante



ressaltar também, que a educação física é responsável por uma função formativa, tendo a responsabilidade de contribuir, além de aspectos existenciais, motores, físicos, biológicos e emocionais, também o desenvolvimento de capacidades críticas por parte dos alunos, tendo o professor como uma presença mediadora para uma visão mais aguçada, inteligente e crítica em relação à práticas meramente recreativas e sem formação de pensamento crítico e observador. Valorizar a temática ‘corpo’ como expressão e linguagem e não apenas como produto do meio para evitar a reificação e o sofrimento que isto traz para as crianças e jovens.

Desta forma o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) destaca-se como uma excelente iniciativa que fortalece a formação de futuros profissionais conscientes de seu papel como figuras importantes e mediadoras de um ensino de educação física escolar mais reflexivo, dialógico, divertido, crítico, inclusivo e responsável pela educação de crianças e jovens em um contexto de diversidade cultural valorizando a cultura corporal de movimento plena, autônoma e livre.

RESULTADOS E DISCUSSOES

O movimento humano faz parte daquilo que chamamos de corpo fenomenal, aquele da experiência perceptiva, que abre possibilidades para retomada. Merleau-Ponty no prefácio da Fenomenologia da Percepção (1999) aborda o tema do “Corpo” compreendendo-o como Corpo fenomenal. Ressalta que ele não é somente o cruzamento de dados físicos, psíquicos e sociais, não é objeto da biologia, psicologia ou sociologia é antes um ser no mundo. Assim como a geografia difere da paisagem, nosso Corpo não é uma série de órgãos justapostos no espaço, e tampouco um é o desdobramento do outro. Eles estão em relação, estão envolvidos. Temos a sua posse, somos ele, porque somos um todo do qual dispomos, através do esquema corporal, no qual identificamos cada membro, não porque aprendemos a localização da perna esquerda ou direita, dos braços, coração, enfim dos órgãos, mas porque de algum modo eles se apresentam para mim e abrem infinitas possibilidades. Quando me movimento para, por exemplo, apagar a luz é o meu corpo inteiro que intenciona o movimento, na ponta dos meus dedos, a espacialidade do meu corpo desce de todas as partes para realizá-lo amplamente, para que de um só golpe possa apertar o botão do interruptor de luz. Assim, a percepção de algo por mim está vinculada a um mundo pré-objetivo do qual lanço mão no momento em que me é solicitado, através dos contextos. As minhas possibilidades motoras estão disponíveis



como potência indivisa, e é através dos movimentos que realizo, que encontro algo no mundo, abrindo um campo perceptivo para, posteriormente, alcançar a coisa. Neste sentido, vivo as situações sem antes me representar, tenho uma compreensão difusa, escorregadia do corpo. É neste sentido que ele, o corpo é fundo para as coisas passarem a existir para mim. Sou dependente dele para entrar e permanecer no mundo como sujeito.

A utilização de metodologias críticas possibilitou a problematização das práticas corporais, ampliando a compreensão dos estudantes sobre seus significados sociais e culturais. Além disso, a valorização das experiências prévias dos alunos contribuiu para tornar o aprendizado mais significativo, com os alunos trazendo suas opiniões, jeitos, costumes e maneiras de praticar cada atividade, proporcionando a valorização das culturas locais e a interculturalidade.

Para a BNCC (2018), “A educação Física tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social” (BRASIL, 2018, p. 213). Ou seja, sem focar somente em fatores biologicistas ou esportivistas dentro da escola. Outro ponto relevante foi a promoção de práticas inclusivas, respeitando as diferenças entre os estudantes e incentivando a participação de todos. Essa abordagem favoreceu o desenvolvimento da cooperação, do respeito mútuo e do senso de coletividade observando as possibilidades de acessibilidade tanto do ponto de vista arquitetônico quanto pedagógico propondo estratégias diversificadas e valorizando as próprias histórias de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a BNCC (2018), os processos de ensino e aprendizagem na Educação Física escolar devem ser compreendidos de forma ampla, considerando aspectos culturais, sociais e pedagógicos, não se limitando à aspectos e metodologias reducionistas que focam somente no desempenho ou nas ações biológicas das atividades realizadas nas aulas pois seres humanos também podem, em determinados casos, ser objeto em movimento, quando são transportados ou quando se tornam objeto de análises. O Movimento trata, portanto, principalmente da expressão dos sujeitos no contexto de uma situação concreta e de um significado que orienta todas as ações e torna possível a apreensão de sua estrutura global. Dessa forma, já se pode perceber que não é o movimento o objeto de análise, mas aquele, da “relação sujeitomundo”, o sujeito do movimento.



Nesse contexto, o papel do professor como mediador do conhecimento é essencial para promover aprendizagens significativas e enriquecedoras.

O PIBID destaca-se como uma importante política de formação docente, ao proporcionar experiências concretas no ambiente escolar e favorecer a articulação entre teoria e prática. As vivências proporcionadas pelo programa contribuem para a construção de uma prática pedagógica crítica, reflexiva e comprometida com a formação integral dos estudantes. A articulação de saberes entre a escola e a universidade é ponto de destaque de todo o processo. O fluxo de conhecimento e a aprendizagem dos acadêmicos, bem como dos professores é elemento importante para a consolidação dos processos. A escola cria uma perspectiva diferente, mais aberta a novas ideias e parcerias.

Por fim, reforça-se a necessidade de práticas inclusivas e participativas na Educação Física, que valorizem a diversidade e promovam a formação de sujeitos autônomos e críticos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à nossa professora orientadora, Lisia Costa Gonçalves de Araújo pelas orientações, dicas e direcionamentos nesse artigo. À professora Margareth Porath da Costa, pelo excelente trabalho no colégio que é campus do nosso estágio supervisionado pelo Pibid, suas dicas, paciência e inspiração, orientações e contribuições científicas fundamentais para o desenvolvimento deste estudo e dos estudantes construtores deste trabalho. Agradecemos à todo corpo docente do colégio pela sempre boa receptividade e carinho e pela disponibilidade e permissão de sempre estar com as portas abertas para nossa presença no colégio. Agradecemos à Secretaria Municipal de Educação de Biguaçu pela autorização e incentivo à nossa presença na educação da cidade, de maneira supervisionada como estagiários. Também agradecemos à nossa instituição de ensino, a Universidade do Vale do Itajaí (Univali), mais especificamente nosso campus da cidade de Biguaçu - SC, pelo suporte acadêmico oferecido e a todos que colaboraram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa. Nossos sinceros: muito obrigado!



REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. Educação física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, Valter. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1999.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (2018).

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

KUNZ, Elenor. Educação Física: ensino e mudanças. Ijuí: Unijuí, 1991.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Unijuí, 1994.

MERLEAUPONTY, M. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro:Freitas Bastos, 1999.

